



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



XXII Assembleia Geral Eletiva

TEMA

- Vida Religiosa Consagrada no contexto plural: identidade, relações e paixão pelo Reino

LEMA

- De olhos fixos em Jesus (Hb 12,1-3)

OUTUBRO 2010 • XLV • nº 435

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

De olhos fixos em Jesus 577

Mensagens

Mensagem de abertura..... 581

Mensagem de Dom Leonardo 586

Carta da Vida Religiosa Jovem..... 589

Diretoria

Diretoria da CRB Nacional para o triênio 2010-2013 591

Artigos

O olhar que faz a diferença
MOACIR CASAGRANDE..... 596

Paixão pelo Reino e opção pelos pobres
ÉLIO ESTANISLAU GASDA 606

Religiosos: os mais humanos dos humanos
PAULO DULLIUS..... 617

Mensagem final..... 622



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitorio, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília – DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato

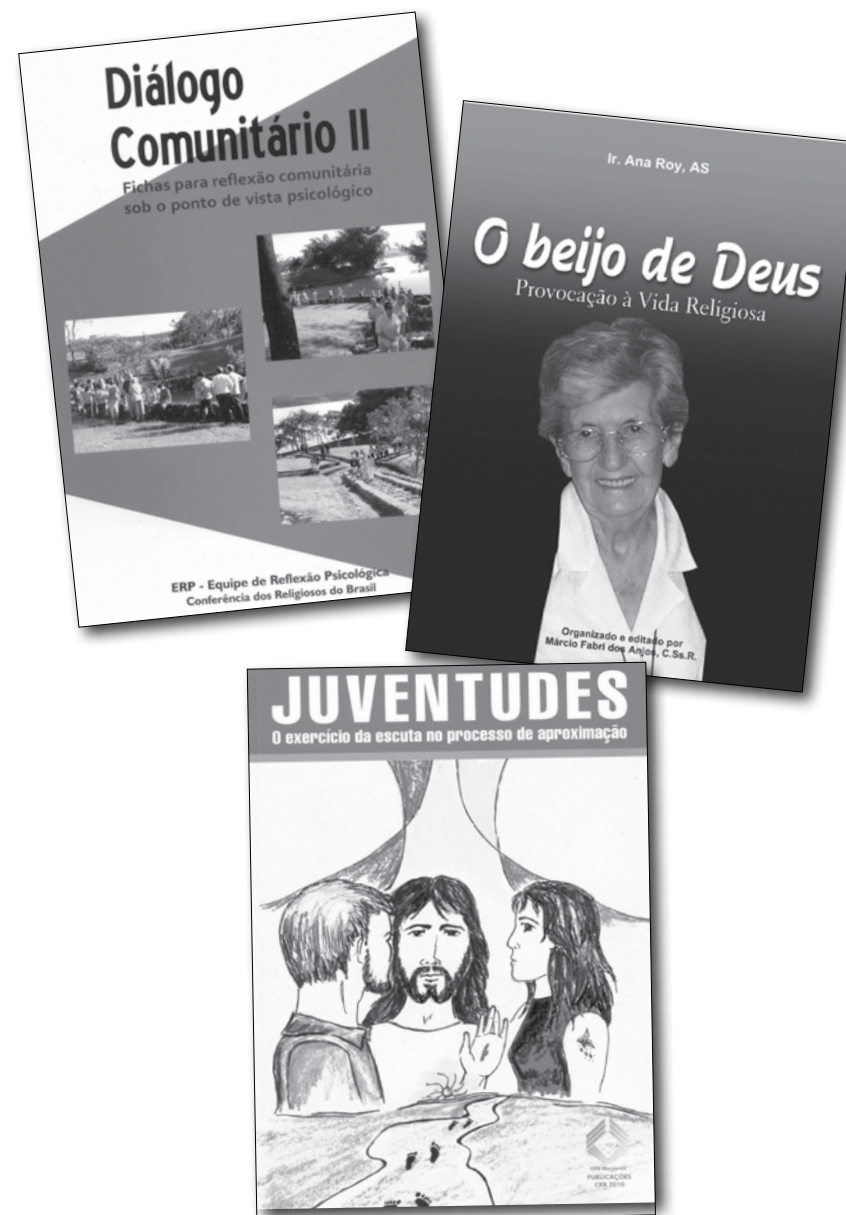
Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2010: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Publicações da CRB



Faça seu pedido:

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília – DF

E-mail: crb@nacional.org.br



Como *processo*, a XXII Assembleia Geral Eletiva (XXII AGE), realizada em Brasília, de 19 a 22 de julho de 2010, percorreu longo caminho e longo calendário – um ano e meio de tempo e quilometragem difíceis de contabilizar, mesmo porque a gratuidade foi a marca maior! O insistente convite ao envolvimento provocou uma dupla contemplação: para a profecia recordada durante a XXI AGE – *Diga a esta geração: avance!* (cf. Ex 14,15) – e para a provocação rumo à XXII AGE: “[...] qualquer que seja o ponto a que tenhamos chegado, continuemos *na mesma direção*” (Fl 3,16).

Ao longo destes meses, cresceu em nós a convicção profunda de que a Palavra de Deus assegura os passos, fortalece os desejos, ilumina as reflexões, gera a comunhão. Em dezembro de 2009, durante o Seminário Interdisciplinar que reuniu todas as Equipes que atuam diretamente junto à CRB Nacional, convertemos nosso olhar: a mesma direção nos conduz nem tanto a um lugar, mas a *uma pessoa: Jesus!* O lema surgiu luminoso: *De olhos fixos em Jesus*, frase contextualizada em Hb 12,1-3. Os eixos temáticos surgiram da forte consciência de nossa inserção no lugar e no tempo específico que conhecemos como “aqui e agora”: Vida Religiosa Consagrada no contexto plural: Identidade, Relações, Paixão pelo Reino (cf. Lc 4,16-20).

Março de 2010 marcou a *acolhida* definitiva do processo. Diretoria Nacional e presidentes Regionais, em igual compasso, garantimos o envolvimento de cada núcleo da CRB, por mais distante que este se localizasse. Desde o secretariado da Sede Nacional, igual convite foi formulado a cada Superiora e Superior Maior dos Institutos de Vida Religiosa e Sociedades de Vida

Apostólica que formamos a CRB Nacional. Em comunhão, circulamos o convite entre Pastores da Igreja, representantes de Organismos do Povo de Deus e Instituições irmãs e a muitos grupos junto aos quais atuamos. A forma foi sempre a mesma: ao redor da Palavra de Deus e dos textos de reflexão distribuídos através do subsídio – *A caminho da XXII AGE*. Pela primeira vez, apoiamos a iniciativa do diálogo virtual: nasceram o fórum e os *blogs*, com surpreendente número de contatos qualificados e integradores.

Os dias da AGE foram um feliz encontro de conclusão do *processo*! Éramos 512 pessoas reunidas. Embora os compromissos estatutários definam diferentes grupos com diferentes direitos, a dinâmica participativa facilitou a expressão da corresponsabilidade. Como resposta a este sinal de comunhão, evitamos o destaque a nomes de autoridades, e sentimos que isto aumenta a expressão do reconhecimento da CRB Nacional às(aos) convidadas(os) que fizeram parte deste significativo momento da caminhada. Igual registro vale para os anfitriões que nos acolheram, bem como para cada mão estendida em apoio. Nossos nomes todos estão escritos no coração da Divina Providência de Deus.

A AGE ocorreu em apenas três dias, dadas as circunstâncias vividas no triênio de mudança de sede e de todos os desafios consequentes a este ato. Ser curta, porém, não significou ser superficial. O que é pouco desafia a ser bem saboreado, sem desperdício e sem meios-termos.

Como estratégia, marcamos *três focos* de atenção:

- 1) À luz do longo processo de reflexão, ouvimos as iluminações vindas das Equipes de Assessoria e indicamos *o horizonte inspirador e as prioridades orientadoras para o triênio* (ver quarta capa desta Revista).
- 2) Conscientes das qualidades e limites que nos caracterizam, dando continuidade ao processo aberto e seguindo os princípios do discernimento espiritual, *elegemos pessoas para as funções exigidas para o cumprimento da missão da CRB Nacional*.
- 3) Diante das inquietações provocadas pelo estudo de gráficos demonstrativos da realidade da Vida Religiosa no Brasil,

iniciamos um processo de busca por um novo modelo de organização, de exercício da função e de gestão.

Celebramos profundos momentos litúrgicos e espirituais, fortalecemos laços de pertença e de comunhão, contemplamos a realidade das Regionais, envolvemo-nos em momentos culturais, integramos comissões e grupos de trabalho, avaliamos a caminhada. Declaramos nossa confiança na Vida Religiosa reunida, reconhecida em sua identidade, qualificada em suas relações e inserida no mundo de hoje, que *fixa seus olhos em Jesus e assume apaixonadamente o projeto de seu Reino*. Merece destaque o significativo momento do envio das três primeiras religiosas que integram a comunidade intercongregacional missionária no Haiti. Foi comovente, sim, mas imensamente provocador... Outras respostas virão!

O encerramento da AGE revelou um olhar de esperança sobre o triênio que começa. O abraço das Equipes que se despediam e os votos às Equipes que iniciavam sinalizaram para a responsabilidade comum e a disposição de servir na alegria. A contemplação atenta das prioridades revela um duplo movimento: o cultivo de um jeito de viver mais testemunhal e gerador de vida e a busca insistente de uma maior leveza institucional.

Alimentamos a *esperança* de mergulhar até o mais profundo de nossa verdade em temas que nos são específicos. Alimentamos a *esperança* de conhecer melhor o sentido das grandes perguntas que marcam o momento atual da VRC, perguntas relacionadas à nossa identidade, à formação, à missão – eixo primeiro e último de nosso sim ao seguimento de Jesus! Alimentamos a *esperança* de animar e coordenar a concretização das prioridades confirmadas por esta Assembleia. Mais que a *esperança*, alimentamos a *certeza* de que a Leitura Orante da Palavra de Deus, protagonizando nossos encontros e sustentando a mística que qualifica nossas atividades, continuará sendo, cotidianamente, a fonte de nossa espiritualidade.

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP
Presidente Nacional da CRB

Explicação da logomarca da XXII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional

I – Da logomarca

A logomarca criada para a XXII Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional quer dar identidade ao momento histórico vivenciado por todos os Religiosos e Religiosas do Brasil. A logomarca da CRB se abre na dimensão horizontal, desenhando uma tenda que se alarga como proteção e acolhida, e, ao mesmo tempo, emite uma imagem de sustentação do solo que lembra a Vida Religiosa encarnada na realidade de todas as culturas, classes e etnias que formam o nosso país.

II – Da logo no centro

A mesma logo no centro representa a centralidade em Jesus, Luz do Mundo, refletida nos traços em volta em cores quentes. Lembra a Vida Religiosa em oração, aberta para acolher a graça de Deus. Conforme o artista, criador da logomarca da CRB, Ir. Analino Zorzi, o símbolo representa “a entrega, a oferenda do Religioso/a e a aceitação e envolvimento de Deus está expresso no conjunto da logo”.

III – Das cores

A cor amarelo-alaranjada (cores quentes) é resultado da sobreposição do vermelho e o verde, cores do martírio – símbolo do profetismo, e verde, sinal de esperança. A cor amarelo-alaranjada é uma cor que mesmo sob a escuridão se torna perceptível e tem um grande significado para a CRB. Por ser uma cor viva e energética, convida o observador a estar sempre em postura de disposição e atenção frente a vida. A cor azul da logomarca no centro, sobreposição do ciano e magenta, está associada à paz, à harmonia e à espiritualidade.

IV – Do formato de olho

A logomarca da Assembleia retrata de maneira abstrata um olhar vivo e atento, que quer lembrar o tema em foco: “De olhos fixos em Jesus”, avançar rumo à meta almejada pela Vida Religiosa no Brasil. Ao mesmo tempo, a CRB quer ser o olhar de Cristo do qual ela se revestiu e alargou o horizonte deste convite a ser, de olhos fixos em Jesus, discípulo e missionário.

V – Da Catedral

A imagem da Catedral tem um aspecto político relacional: comunhão e relações fraternas com a Igreja particular, como também a relação amorosa e filial à Igreja de Brasília.

VII – Da criação

Logomarca criada por: CRB Nacional. Direitos autorais: CRB Nacional. Criação: Rosa Maria Martins Silva, mscs.

Mensagem de abertura

Queridas Irmãs, queridos Irmãos

Superioras e Superiores Maiores das Instituições associadas à CRB Nacional!

Para vocês, em primeiro lugar, são dirigidas as *boas-vindas*! Vocês, que são a Assembleia Geral, por direito e por escolha, estão em sua casa. É para vocês, 322 representantes de Institutos Religiosos ou Sociedades de Vida Apostólica com sede no Brasil, que a AGE acontece. Para que a Vida Religiosa no Brasil se saiba organizada, motivada, animada em sua missão! Boas-vindas, Superioras e Superiores Maiores!

Querido Dom Esmeraldo, querido Dom Leonardo!

Sejam bem-vindos à XXII AGE! Vocês são os nossos irmãos que se tornaram Pastores da Igreja que somos nós. E por graça de Deus foram eleitos para acompanhar, de forma muito especial, a Vida Consagrada e a CRB Nacional. Estarem aqui entre nós, em diálogo conosco, sinaliza o testemunho de comunhão que esperamos consolidar a cada dia.

Queridas e queridos representantes de *Instituições convidadas* especialmente para esta Assembléia, pelo imenso significado da parceria que estabelecemos: *Irmão Paulo Petry*, presidente da CLAR; *Irmã Loiri Lazzarotto*, representante da UISG; *Irmã Maria Inês Viera Ribeiro*, presidente da USG-CB; *Dom Luiz Alberto Ruas Santos* e *Irmã Vânia Maria Toscano*, representantes das Federações que reúnem Mosteiros, Carmelos e Comunidades de Vida Contemplativa; *Padre José Marinoni*, presidente da ANEC; *Padre Raschietti*, representante do COMINA; *Diácono Odelcio Calligaris*, presidente

da Comissão Nacional de Diáconos. Incluídas neste abraço de boas-vindas estão as Instituições não presentes, mas em comunhão, não somente durante estes dias de Assembleia, mas no cotidiano de nossa vida e missão, que nos enviaram mensagens de apoio e atenção: *Cardeal Frank Rodé*, prefeito da Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica; *Dom Lorenzo Baldisseri*, núncio apostólico para o Brasil; *Padre Pascual Chávez Villanueva*, presidente da USG; *Monsenhor Bernd Klaschka*, presidente da Adveniat; *Senhora Helena Paludo*, presidente da Conferência Nacional dos Institutos Seculares.

Queridas presidentes, queridos presidentes, queridas assessoras, queridos delegadas e delegados das vinte Seções Regionais da CRB!

Desde lá onde a Vida Religiosa Consagrada se insere, tornando-se *testemunho e profecia*, desde o chão pisado por *30.862 pessoas consagradas*, vocês trazem a esperança, a articulação, os projetos realizados, os sonhos da novidade. Boas-vindas a vocês!

Queridas e queridos *36 junioristas* aqui presentes!

Que bom ter vocês aqui. É em vocês, através de vocês, que escutaremos vozes do dia de amanhã. Que o privilégio das horas partilhadas nas diárias viagens de ônibus se tornem também um laboratório de propostas e caminhos. Boas-vindas a vocês! Através de vocês cumprimentamos o grupo de formandas e formandos aqui de Brasília, que em presta seu tempo para nos acolher no dia de hoje.

Queridos *Frei Vanderlei Couto* e *Frei Edmilson Vaz*, frades menores, que abriram todas as portas da bonita e acolhedora Escola Paroquial Santo Antônio e da Igreja Paroquial do mesmo nome. A fraternidade é assim, uma atitude entre irmãs e irmãos, um serviço à comunhão!

Queridas Irmãs, queridos Irmãos da *Comissão Executiva Nacional da CRB*, queridas Irmãs, queridos Irmãos das *Equipes de Reflexão Teológica, Bíblica e Psicológica*, queridas funcionárias e queridos funcionários da *CRB Nacional, integrantes de todas as Comissões da AGE, Conselho Superior e Fiscal*

da CRB: amanhã vai fazer precisamente um ano e quatro meses que começamos a construir a XXII AGE, desencadeando um movimento circular e dinâmico, que começou a despertar interesse e atenção, crescendo a cada página do calendário que se retirava para dar lugar a outra. Boas-vindas a vocês, para quem a AGE é uma “velha conhecida”, mas cheia de vitalidade e de surpresas. Querido *Frei Carlos Mesters*, você não está aqui neste Plenário por estar em mais uma sessão de quimioterapia, mas seu coração bate forte por nós, como diz na mensagem que nos enviou. Muito obrigada por todo o apoio e carinho. Melhoras para você!

Queridas amigas e amigos que estão no pátio ou na casa trabalhando, limpando o chão que nos acolhe, cuidando de estandes de livros ou outros, preparando nosso lanche, organizando as urnas, atendendo porta e telefone, não esqueçam: vocês são a Assembleia Geral da CRB.

Queridas Irmãs, queridos Irmãos da *Diretoria Nacional*: Célia, Vilma, Lurdes, Dayse, Augusta, Disterro, Paulo, Geraldo, Lauro, José Carlos! Por favor, levantem-se um momento. Vocês coroam esta lista de pessoas, e isto não é um acaso. Vocês foram e são neste momento o sinal, o espelho do que chamamos de *comunhão*. O espírito que nos animou neste processo, o esforço pela construção conjunta, a representação nos mais distantes lugares do Brasil, fora do Brasil, o tempo investido, a qualidade da reflexão, as horas espichadas, e muito mais, se concluem hoje com o abraço deste Plenário.

Esta é a nossa Assembleia Geral – tempo oportuno e hora favorável para celebrar, refletir, redimensionar!

Esta AGE é curta demais. Ela tem precisamente o tamanho que, dadas as circunstâncias vividas neste triênio de mudança de sede e de todos os desafios consequentes a este ato, repito, ela tem precisamente o tamanho que conseguimos dar a ela! Ser curta não significa ser superficial. Muito pelo contrário. O que é pouco desafia a ser bem saboreado, sem desperdício e sem meios termos.

Como estratégia, marcamos *três focos* de atenção:

- Esperamos, à luz do longo processo de reflexão que fizemos em nossas realidades e à luz das experiências que aqui fizemos, *indicar um horizonte inspirador e algumas prioridades orientadoras para o próximo triênio*. Como luz primeira sobre este foco, recordemos: DIGA A ESTA GERAÇÃO: AVANCEM! NO ENTANTO, QUALQUER QUE SEJA O PONTO A QUE TIVERMOS CHEGADO, AVANCEMOS NA MESMA DIREÇÃO – DE OLHOS FIXOS EM JESUS! *Este é nosso primeiro foco!*
- Esperamos, conscientes das qualidades e limites que nos caracterizam, eleger pessoas para as funções exigidas para o cumprimento da missão da CRB Nacional, em um processo aberto e transparente, feito a partir dos princípios do discernimento espiritual. Isto pede de nós tempo e espaço de confiança, de suporte humano-afetivo, mas também garantias materiais de apoio e suporte. Isto pede de nós disposição e coragem de colocarmos o projeto no centro, e as pessoas a serviço. *Este é nosso segundo foco!*
- Esperamos, inquietadas pelos gráficos demonstrativos da realidade da Vida Religiosa no Brasil e da CRB Nacional enquanto Instituição, dar início a um processo de busca por um novo modelo de organização, de função e de gestão. O momento nos defronta com a necessidade de autoavaliação: hoje, a CRB é uma Instituição bem menor do que já foi, e muito, muito empobrecida, como são hoje as Instituições às quais pertencemos. Iniciar uma reflexão correspondente a esta realidade *é nosso terceiro foco!*

Este é, sim, um tempo de graça, um momento oportuno, para buscarmos o essencial. Com humildade e disposição, precisamos, então, neste momento, relativizar outras expectativas. Se nossas palavras tiverem de ser poucas, que sejam sempre carregadas de profundo significado.

Com o coração palpitante e emocionado, expresso, em nome desta Assembleia, o ato de fé na Vida Religiosa aqui reunida, fortalecida em sua identidade, qualificada em suas relações e inserida no mundo de hoje, que *fixa seus olhos em Jesus e assume apaixonadamente o projeto de seu Reino*.

Tendo constatado, através do livro de assinaturas, o necessário *quorum* de dois terços de suas Instituições associadas presentes neste Plenário, declaro instalada a XXII Assembleia Geral Eletiva da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Ato imediato, passaremos ao processo de organização da mesma, segundo os Estatutos e o Regimento da CRB Nacional. Para conduzir este momento, delego a liderança a Padre João Geraldo Kolling.

Com sentimento de antecipada gratidão, chamo para a mesa de trabalho o presidente da XXII AGE – Padre Carlos Palácio, a moderadora e o moderador da XXII AGE – Irmã Maria Luzia Dal Moro e Irmão Jardelino Menegat.

Um grande abraço e o aplauso de nosso apoio a vocês.

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP
Presidente Nacional da CRB

Mensagem de Dom Leonardo*

Irmãs Superiores e Irmãos Superiores, Irmãos e Irmãs participantes desta Assembleia Geral da CRB.

O encontro com tantos religiosos e religiosas faz nascer uma palavra de gratidão: louvar a Deus por tudo o que a Vida Religiosa é e faz na Igreja do Brasil. Agradecer à CRB o cuidado que terão com as crianças órfãs e mutiladas do Haiti. Quem tem os olhos fixos em Cristo Jesus vê a sua presença nos mais pequeninos e abandonados: “Quem acolhe um destes pequeninos é a mim que recebe” (cf. Lc 9,48).

A presença das religiosas e dos religiosos faz a Igreja no Brasil ser mais fecunda. Como bispo, agradeço esse dom dado por Deus à sua Igreja.

1. Ver é graça! Graça maior é ser visto! Ver realidades, ver coisas, ver ações, ver paisagens, ver animais, ver pessoas. Vemos! No ver de nossos olhos, todo o nosso ser vê; toda a nossa pessoa vê! As imagens das cidades destruídas pelas chuvas no Nordeste, pelo terremoto no Haiti; casas destruídas, pessoas vagando pelas ruas inexistentes, mãos cavando os escombros na busca de entes queridos, estremeceram, comoveram toda a nossa pessoa na medida em que as imagens nos penetravam e fomos tomados de compaixão. Vemos!

2. As mãos, na delicadeza e sensibilidade dos dedos passando o rosto do filho recém-nascido, suscitam no coração paterno a imagem de suas entranhas. E no rosto iluminado vem à fala a visão. Na leitura delicada e reveladora dos dedos ele vê!

* Dom Leonardo Ulrich Steiner é bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia.

3. Vemos injustiça, pobreza, miséria; vemos grandeza, compaixão, fraternidade, solidariedade. Vemos pessoas generosas, acolhedoras; vemos Comunidades reunidas, vemos nossa Vida Religiosa, vemos a Igreja em prece, em movimento; nós a vemos como presença do Reino! Vemos o Evangelho vivo nos gestos e nas palavras de tantos irmãos e irmãs. O nosso ser se lança na busca da realização e da maturação em conformidade com o Evangelho. Ver é graça!

4. Graça maior é ter sido visto! Na dinâmica do amor vemos depois de termos sido vistos. Nossos olhos repousam sobre a pessoa amada depois de ter sido vista. O olhar de Deus repousou sobre a *humildade de sua serva* (Lc 1,48) e nela sobre cada um, cada uma de nós. Nele fomos encontrados! (Bento XVI). Desejoso de ver-nos, tomou nossos olhos, isto é, nossa humanidade e fragilidade, e, assim, deu-nos novos olhos em nossos olhos. Porque vistos, agora vemos o Pai, vemos o Espírito; vemos novas todas as coisas; novo céu e nova terra; o Reino anunciado e visibilizado nele.

5. Os olhos da bondade repousaram sobre cada um, cada uma de nós, e, assim, nos tornamos as testemunhas da vida “que Deus preparou para os que o amam”, “*algo que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pressentiu*” (1Cor 2,9).

6. Com os olhos fixos nele, desenrolemos o Livro do Evangelho, Jesus Cristo, escolhamos a passagem onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19). Perceberemos com limpidez a nossa vocação e missão na Igreja. Olhos fixos nele, isto é, perscrutadores, buscadores, enamorados, porque nele vemos o abismo maravilhoso e estupendo do *Amor que não é amado* (São Francisco de Assis). Fixos nele: disposição, exposição, correspondência de

amor, enamoramento! Nada estático, intimista, mas dinâmico, impulsionador de novos horizontes, novos envios, nova missão.

7. E com os olhos assim fixos nele, nossos olhos nele transformados (Santo Agostinho, *Discursos*), pois “felizes os puros no coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8), somos anunciadores(as) do novo tempo, o da graça, a graça do novo Reino; pregadores da justiça como testemunhas de uma nova relação, de uma nova humanidade em Cristo.

8. “Que ele ilumine os olhos de vosso coração, para que conheçais a esperança à qual ele vos chama, a riqueza da glória que ele nos dá em herança entre os santos” (Ef 1,18). Com os olhos fixos em Jesus Cristo, somos pessoas de esperança num tempo de mudança de época (DGAE 2008-2010). As mudanças “afligem-nos, mas não nos confundem” (DAP, n. 20). Desafiam-nos “a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que a tenham em plenitude’” (DAP, n. 33). Veremos os sinais dos tempos, as realidades de miséria e opressão; mas veremos que no fundo das realidades de dor está o Senhor Crucificado, redimindo o seu povo. E nós nele! Sim, pessoas de esperança, pois nossos corações, nossas vidas, estão fixos no Senhor! Só por isso valeria uma vida!

9. “Porque sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura”, dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Com os olhos fixos nele, e vendo-nos nele, somos convidados a ter a estatura de Cristo. Com esses olhos, os nossos nele, ele nos nossos, os nossos olhos feitos ele, os dele feitos nossos, veremos, nos será dado ver.

10. Com um tão grande número de testemunhas, “[...] corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,1-2).

Junioristas das CRBs Regionais que participaram da XXII Assembleia deixaram uma mensagem de agradecimento à CRB Nacional pela oportunidade de poderem representar os(as) Religiosos(as) Jovens.

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo Jesus presentes nesta XXII Assembleia Geral Eletiva. Graça e paz!

Nestes dias vivemos o *kairós*, momento forte para todos nós, consagrados e consagradas de todo o Brasil. Esta não é apenas uma reunião para cumprir os parágrafos e incisos dos estatutos civis e canônicos da CRB, mas a experiência daqueles e daquelas que foram vistos e amados pelo Senhor e por isso doam completamente suas vidas pela causa do Reino.

Conscientes disto, nós, Junioristas oriundos de diversos Regionais de nosso país, expressamos a nossa gratidão a Deus, Senhor da história que nos trouxe até aqui, e à CRB Nacional, que nos acolheu e possibilitou a representatividade da Vida Religiosa Jovem do Brasil nesta Assembleia, e, carinhosamente, àquelas e àqueles que se empenharam para que de fato nossa presença fosse efetiva.

Após longa oportunidade de abertura, acolhimento e diálogo entre nós, partilhamos nesta Assembleia algumas considerações, fruto da nossa oração e reflexão, pautadas acima de tudo na experiência da *Ruah*. Por conseguinte, seguem as ações que propomos:

1. Organizar no próximo triênio um Encontro Nacional da Vida Religiosa Jovem, com o objetivo de: abranger a troca de vivências experienciadas em seus diversos contextos regionais.
2. Fortalecimento do sentimento de pertença à CRB a partir da participação efetiva nos núcleos, Sub-regionais e Regionais.
3. Intensificar nossa presença e ação junto às Juventudes.

De olhos fixos em Jesus, solicitamos especial atenção às propostas citadas.

Fraternalmente em Cristo, nossos votos de estima e amizade.

Junioristas do Brasil

Diretoria da CRB Nacional para o triênio 2010-2013

Presidente Nacional: *Irmã Márian Ambrosio, idp* (reeleita)

Congregação: Irmãs da Divina Providência

Idade: 63 anos

Residência: Brasília-DF

Membros da Diretoria Nacional

1 – *Padre Alfonso Carlos Palácio Larrauri, sj*

Congregação: Companhia de Jesus

Idade: 68 anos

Residência: Rio de Janeiro-RJ

Atividade que exerce atualmente: Superior Provincial do Brasil da Companhia de Jesus

2 – *Irmão Inácio Nestor Etges, ime*

Congregação: Irmãos Maristas das Escolas

Idade: 62 anos

Residência: Porto Alegre-RS

Atividade que exerce atualmente: Superior Provincial da Província Marista do Rio Grande do Sul e Distrito Marista da Amazônia, presidente do Conselho Superior da União Marista do Brasil, responsável pelos Irmãos da Província Marista da África Austral, docente da Escola para Formadores de São Paulo e Angola

592

3 – *Irmã Ivoneide Viana de Queiroz, ifm*

Congregação: Irmãs Franciscanas de Maristella

Idade: 44 anos

Residência: Recife-PE

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial

4 – *Irmão Jardelino Menegat, fsc*

Congregação: Irmãos Lassalistas

Idade: 55 anos

Residência: Porto Alegre-RS

Atividade que exerce atualmente: Superior Provincial da
Província Lassalista de Porto Alegre5 – *Padre João Geraldo Kolling, sj* (reeleito)

Congregação: Companhia de Jesus

Idade: 59 anos

Residência: Porto Alegre-RS

Atividade que exerce atualmente: Superior Provincial dos
Jesuítas do Sul do Brasil6 – *Irmã Lourdes Oro, ids* (reeleita)

Congregação: Irmãs do Divino Salvador – Salvatorianas

Idade: 56 anos

Residência: Lages-SC

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial

7 – *Maria Bernardete Gonçalves de Paula, ij*

Congregação: Instituto Josefino

Idade: 57 anos

Residência: Fortaleza-CE

Atividade que exerce atualmente: Animação da Congre-
gação, professora de Filosofia da Religião e Ética na Facul-
dade Católica de Fortaleza8 – *Irmã Marlene Rodrigues de Oliveira, isvpspg*

Congregação: Irmãs de São Vicente de Paulo

“Servas dos Pobres” de Gijzegem

Idade: 53 anos

Residência: Campo Grande-MS

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial,
animação e formação dos(as) leigos(as) na igreja local, Gru-
po de Reflexão Psicológica da Regional Campo Grande-MS9 – *Frei Moacir Casagrande, ofmcap*

Congregação: Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

Idade: 55 anos

Residência: Brasília-DF

Atividade que exerce atualmente: Ministro Provincial e
presidente da Conferência dos Capuchinhos do Brasil10 – *Irmã Luzia Góes dos Santos, imcej*Congregação: Irmãs Missionárias do Coração Eucarístico
de Jesus

Idade: 64 anos

Residência: Ananindeua-PA

Atividade que exerce atualmente: Superiora-geral

Conselho Fiscal

1 – *Padre Ademar Tramontin, rcj* (reeleito)

Congregação: Rogacionista

Residência: Guará II, Brasília-DF

Atividade que exerce atualmente: Ecônomo Provincial
e Vice-Provincial, diretor do Colégio Rogacionista de
Brasília

593

594

2 – Irmã Leonarda Reis Veiga, fma

Congregação: Filhas de Maria Auxiliadora

Residência: Manaus-AM

Atividade que exerce atualmente: Ecônoma Provincial, assessora contábil da CRB Nacional e presidente do Conselho Fiscal da CIB

3 – Padre Marco Biaggi, sdb

Congregação: Salesiano

Residência: São Paulo-SP

Atividade que exerce atualmente: Inspetor da Província de São Paulo

4 – Irmã Maria da Penha Helmer, isns

Congregação: Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora

Residência: Belo Horizonte-MG

Atividade que exerce atualmente: Ecônoma-geral e conselheira-geral

5 – Irmão Waldemiro José Schneider, fsc

Congregação: Irmãos das Escolas Cristãs

Residência: São Paulo-SP

Atividade que exerce atualmente: Ecônomo Provincial, primeiro tesoureiro da Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Conselho Superior

1 – Padre Antônio Ramos de Moura Neto, osj

Congregação: Oblatos de São José

Residência: Curitiba-PR

Atividade que exerce atualmente: Vigário Provincial, formador, reitor de Comunidade e animador da Pastoral Vocacional

2 – Frei José Rodrigues de Araújo, ofmcap

Congregação: Frades Menores Capuchinhos

Residência: São Luís-MA

3 – Padre Luis Carlos Meneghett, pjc

Congregação: Passionista

Residência: Cariacica-ES

Atividade que exerce atualmente: Superior Regional dos Passionistas do Espírito Santo e Minas Gerais

4 – Irmã Maria Carmelita de Lima Conceição, ifma

Congregação: Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora

Residência: Manaus-AM

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial

5 – Irmã Maria José Mendes dos Santos, fap

Congregação: Franciscana da Ação Pastoral

Residência: São Paulo-SP

Atividade que exerce atualmente: Superiora-geral

6 – Irmã Virma Barion, ccv

Congregação: Carmelitas da Caridade de Vedruna

Residência: Campinas-SP

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial

7 – Irmã Maria Augusta de Oliveira, smr

Congregação: Servas de Maria Reparadoras

Residência: Rio Branco-AC

Atividade que exerce atualmente: Superiora Provincial

595

O olhar que faz a diferença

MOACIR CASAGRANDE, OFMCAP*

(REPRESENTANDO A EQUIPE DE REFLEXÃO BÍBLICA)

Ver é viver. Vivemos na era da imagem! Criar, cultivar e oferecer imagem é hoje uma obrigação, pois quem não é visto não é lembrado. Ser visto é existir. Fazer-se ver é viver. Na era da cibernética, a comunicação digital favorece a materialização do que antes não passava de imaginação solitária de um sonhador. O mandamento da vez é o cuidar da imagem. Queremos ver sempre mais e melhor, queremos também ser vistos, aparecer, impressionar. Investimos muito na construção de imagens que surpreendam, isso é muito bom, mas parece que a atenção muito voltada para esse ponto carece de cuidados na sustentação. A imagem se desfaz e se esvai com a mesma rapidez com que aparece. Sustentar a imagem construída numa visão alargada, relacionada e contextualizada é fundamental para não sermos por ela absorvidos, consumidos, devorados. Se para dar rumo e direção precisamos de pelo menos dois pontos, para avaliar o que hoje vemos precisamos de um ponto no ontem e um sonho no amanhã.

Para favorecer o aprofundamento na dinâmica do ver, a imagem referencial provocada pelos *olhos fixos em Jesus*, lema pinçado de Hb 12,2 para a XXII Assembleia Geral Eletiva da nossa Conferência,¹ recorremos aos Evangelhos sinóticos. Escolhemos três perícopes que servem como sinalizadores da função e da missão do olhar da Vida Religiosa Consagrada hoje. Em Lucas escolhemos Zaqueu; em Marcos, Bartimeu; e em Mateus, o Jesus do juízo final. Eles têm em comum a questão do olhar. Os encontros com Zaqueu e Bartimeu, segundo cada evangelista, são a última ação de

*Frei Moacir Casagrande, ofm-cap, é ministro da Província do Brasil Central dos Capuchinhos e membro da Equipe de Reflexão Bíblica da CRB Nacional.

Endereço do autor: SGAS Qd. 906 Conj. D, CEP 70390-060, Brasília-DF. Tel.: (61) 3443-1223. Fax: (61) 3244-2050. **E-mail:** frmoaca-sa@gmail.com.

1. A Conferência dos Religiosos do Brasil escolheu o lema *De olhos fixos em Jesus* para favorecer a continuidade e, ao mesmo tempo, o aprofundamento do tema da XXI AGE, que era *Diga a esta geração: Avance!*

Jesus antes de subir a Jerusalém e concluir sua missão. Em Mateus, é a última instrução deixada por Jesus a seus discípulos. Eles podem nos ajudar a avaliar o objetivo, a meta do nosso ver, bem como os elementos dos contextos e das posições em que nos encontramos para ver.

Criatividade para ver Jesus: Zaqueu (Lc 19,1-10)

O acontecimento é colocado praticamente no final da seção do Caminho² que vai de Lc 9,51 a Lc 19,27. Segundo Lc 9,51, Jesus decide tomar resolutamente o caminho de Jerusalém. Em 19,1, ele se encontra em Jericó, a última parada antes de atingir Jerusalém. Ao longo desse caminho, Jesus vai mostrando quem entra no Reino de Deus e como isso acontecerá. Mostra como os social e teologicamente banidos ou perdidos terão um lugar no Reino. Isto está mais acentuado entre os capítulos quinze e dezenove de Lucas. Assim, a problemática de Zaqueu é introduzida em Lc 5,27-32³ e aprofundada no capítulo quinze, culminando no capítulo dezenove, no feliz encontro com Jesus. Não é por acaso que o evangelista oferece de Zaqueu uma ficha completa.⁴ Paradoxalmente, o nome Zakkai, em hebraico, significa limpo, puro, inocente. Como e por que esse homem de nome tão bonito tem um comportamento tão estranho? Vive à custa da miséria do povo cobrando imposto para o Império Romano. Temos, aqui, um acontecimento paradigmático.

As diferenças no ver (Lc 9,9b e 19,3a)

Zaqueu quer ver Jesus, Herodes também quer ver Jesus, mas os interesses e as atitudes tomadas por um e outro são muito diferentes. Herodes quer satisfazer curiosidades, espera que Jesus seja levado a ele (Lc 23,8). Zaqueu quer proximidade e vai, com todo o ser, ao encontro dele (Lc 19,3). A insistência de seus esforços revela a intensidade de sua busca. Zaqueu é de baixa estatura e a multidão que acompanha Jesus não lhe dá chance de ver Jesus (19,3). Mas ele supera

2. Segundo Lucas, em At 9,2; 19,9.23; 24,14.23, *Caminho* foi o primeiro nome dado aos seguidores de Jesus, posteriormente chamados de *cristãos* (ver At 11,26). A seção do *Caminho* é, portanto, uma iniciação cristã.

3. Em Lc 5,27-32, Jesus toma refeição na casa de Levi, também ele pecador e indigno da presença de Jesus, segundo os fariseus. Aqui é a vez de Zaqueu, e com ele, segundo Lucas, Jesus conclui as visitas.

4. Tem nome, endereço, profissão, situação, intenção, estatura, descendência etc. Ver Lc 19,1-10.

o problema com criatividade: a) corre à frente, adianta-se, embora isso não lhe garanta a visão, pois Jesus vem rodeado pela multidão que o acompanha (19,4a); b) sobe numa árvore, sicômoro-figueira (19,4b). Chega primeiro, escolhe um lugar privilegiado para ver Jesus, também se faz ver por ele. O desejo incita a iniciativa e cria um jeito de superar os limites. Ajudado pela árvore, fica acima da multidão. Para ver Jesus, ele: a) prevê por onde Jesus vai passar; b) chega primeiro; c) sobe na árvore; d) vê e se faz ver.

Sair e subir para ver (Lc 19,2-4)

Sair de casa, subir em árvores, construir torres, escalar prédios para ver, isso pode tomar grande parte de nosso tempo e nos acostumar tanto que, uma vez alcançado o objetivo, talvez não queiramos mais descer. É tão bom permanecer numa condição privilegiada! Afinal, quem conquista merece. A condição conquistada é vista como prêmio do esforço e dedicação. É o que acontece com muitos de nós. Na primeira parte da vida fazemos muito esforço para ver Jesus, na segunda parte ficamos apegados aos instrumentos que nos possibilitaram vê-lo, entorpecendo-nos com a visão que dele tivemos. Jesus, porém, passa, continua seu caminho e nós corremos o risco de continuar no mesmo lugar, apegados, ocupados em preservar o lugar que nos deu a chance, em vez de agarrar a chance que o lugar nos deu. Por isso, atenção à provocação de Jesus: *desce depressa!* (Lc 19,5). Quem pode saber o quanto Zaqueu demorou para encontrar um jeito de subir? Isso parece não contar. Não é esse o foco, mas a experiência nos leva a considerar. Subir é apenas uma etapa do processo, agora ele precisa descer, e *depressa*.

Jesus normalmente não ocupa os lugares altos; quando ocupa, não se demora muito.⁵ É no chão, junto ao povo, que ele se encontra. É ali, com Jesus e pela causa dele, que a VRC precisa estar. A cena de Zaqueu tem algo a ver com Pedro no monte Tabor.⁶ Subir é necessário, mas descer é fundamental.

5. Mt 17,1-9; Mc 9,2-9; Lc 6,12-17; 9,28-37.

6. Em Lc 9,28-36, Jesus convida Pedro, Tiago e João, sobe a montanha e se transfigura diante deles. Pedro se encanta com a contemplação e quer permanecer ali, mas Jesus convida a descer.

Descer para conviver (Lc 19,5-6)

Do caminho de Jesus para o ninho de Zaqueu. Se Zaqueu não desce, Jesus passa, e tudo não passa de um olhar, de um momento significativo sim, mas sem efeito, guardado egoisticamente na memória daquele homem. Obedecer ao convite de Jesus é urgente, é tudo o que Zaqueu precisa para ser feliz. Ver Jesus traz alegria por um momento, mas conviver com ele coloca a vida em clima de alegria permanente. Ver Jesus satisfaz um desejo, conviver com Jesus satisfaz o ser. Não estará aí uma dificuldade de nossa formação? Ajudamos a pessoa a subir para ver e não ensinamos a descer para conviver. Quem não sabe descer não se habilita a conviver. A vida de Jesus ensina isso: ele não se agarra à condição divina, abre mão para se fazer humano até a condição mais humilhante e, assim, resgata a humanidade.⁷ Ver é só um passo, o primeiro de muitos que devem ser dados.

A surpresa que encanta ou espanta (Lc 19,6-7)

Zaqueu quer ver Jesus, mas Jesus o vê e se propõe a conviver com ele. Jesus oferece muito mais do que ele busca. Ele também quer ver Zaqueu, não em cima de uma árvore, ambiente provisório e artificial, mas no interior de sua casa, ambiente normal, ninho do cotidiano. A gente só se conhece quando participa da intimidade um do outro. Para se conhecer não basta ver, é necessário conviver. Ver simplesmente ou ser visto não garante discipulado, nem apostolado, menos ainda condições de fidelidade ou generosidade. Para quem só quer ver o convite para conviver, espanta; para quem quer ir fundo, o conviver encanta. Ver é só o começo.

Importante notar que o local da convivência não é a casa de Jesus. Zaqueu sai de casa para ver Jesus, mas Jesus se propõe a permanecer na casa de Zaqueu. Subir para ver Jesus é bom, mas descer para conviver com ele é necessário. O que nos será mais trabalhoso, difícil: andar atrás de Jesus ou acolhê-lo em nossa casa? Que significa conviver com Jesus em nossa casa? Saímos de nós para ver Jesus e não voltamos

7. Fl 2,5-11; Jo 1,1-18.

para nós para conviver com ele? Vale a pena aprofundarmos essa provocação.

Viver para testemunhar (Lc 19,8)

O desejo de ver é contemplado com um conviver e completado com um novo viver de Zaqueu. Da convivência com Jesus nasce um novo homem. Um homem generoso: doa a metade de seus bens aos pobres (Lc 19,8). Agora ele é capaz de superar a lei e mergulhar na generosidade. Não há lei que obrigue doar a metade dos bens aos pobres. Devolve com juros, quatro vezes mais,⁸ o que fraudou, isso é cumprir muito bem a lei. Zaqueu não interroga Jesus sobre o que fazer para ganhar a vida eterna como o notável fez (Lc 18,18-23), mas a partir da convivência com Jesus toma a iniciativa de repartir e doar. O notável, instruído, também era rico, mas, provocado por Jesus a doar seus bens aos pobres, aborreceu-se e morreu ali seu interesse pela vida eterna. Isso nos provoca a refletir o que pode fazer a consciência sem a experiência. De fato, saber o que é necessário não garante o acesso. Só a prática favorece isso. O lugar privilegiado da prática é a comunidade, a convivência em comunidade.

Os que dificultavam que Zaqueu visse Jesus agora criticam Jesus por hospedar-se,⁹ fazer vida comum, conviver com Zaqueu. Zaqueu se arriscou, ousou, para ver Jesus, agora Jesus corre riscos por Zaqueu. Caminhar com Jesus não é sobrepor-se nem submeter-se a ele, mas comungar, partilhar com ele. Tal censura é típica dos que procuram domesticar a Boa-Nova de Jesus, conformando-a com suas ideologias cegas. Consideram-se os bons, os perfeitos, minimizam o poder da graça e censuram o próprio Deus em seu filho Jesus.

Às críticas Jesus responde: “Hoje aconteceu a salvação para esta casa [...]”, nesta vida e em tudo o que lhe diz respeito. Não se trata de uma questão individual, mas comunitária, social, fraterna, eclesial.

Sintetizando o acontecimento Zaqueu, podemos estabelecer sete passos significativos para todos nós:

- a) desejar ver;
- b) criar um jeito de ver;
- c) ver e ser visto;
- d) obedecer à ordem de Jesus = “desce depressa! hoje eu devo ficar na tua casa”;
- e) acolher Jesus na própria casa e compartilhar a vida com ele;
- f) colocar Jesus no centro da vida, de tudo;
- g) colocar a vida e os bens à disposição de Jesus.

Onde está a VRC hoje: com Zaqueu em cima da árvore? Com a multidão ao redor de Jesus? Com Jesus na casa de Zaqueu? Com Zaqueu partilhando a metade de seus bens e devolvendo quatro vezes mais o que fraudou?

Busca da visão de Jesus: Bartimeu (Mc 10,46-52)

Assim como aconteceu com o Zaqueu de Lucas, conforme Marcos, Jesus se ocupa de Bartimeu na última etapa de sua viagem, já na subida para Jerusalém. *Bar*, em aramaico, significa *filho de*. Ele é um homem sem nome, conhecido simplesmente como filho de Timeu. Isso mostra que o homem não é conhecido pelo nome, mas pela procedência. Há um problema de identidade. Ele está cego, é dependente, quando conquistar a visão poderá ter nome próprio. Ele tem pai, mas o que o pai lhe dá? O filho de Timeu posta-se junto à porta do lado de fora da cidade (Mc 10,46), no caminho que vai de Jericó a Jerusalém. É um ponto estratégico. Todos os peregrinos que vêm da Transjordânia e muitos da Galileia e de Samaria passam por ali para ir a Jerusalém. Jesus também vai passar por ali. É difícil que alguém escape daquele ponto. Ele está atento.

Sentado à beira do caminho (Mc 10,46-47)

Em lugar de caminhar, assiste os caminheiros. Aprende a aproveitar-se deles, pedindo esmolas. Tornou-se um

8. Ver Ex 21,37. A lei judaica só prevê a devolução do quádruplo para o furto seguido de consumo ou venda de bois e ovelhas. A lei romana impõe essa norma sobre todos os objetos.

9. O verbo *katalúo* significa, literalmente, desatar, soltar um animal de carga, daí se deduz o sentido *hospedar-se* para pernoitar. O substantivo aparece ainda em Lc 2,7 e 22,11 e refere-se ao lugar onde se repousa.

profissional do pedir. Nem Jesus escapa, a ele Bartimeu pede piedade, pois o cego também é da descendência de Davi,¹⁰ ele tem direito à piedade, mas este cego não só pede, clama, grita em sua busca da visão.

Os que acompanham Jesus não se importam com quem está à margem, pelo contrário, repreendem sua iniciativa. Eles veem Jesus e estão satisfeitos, não se importam com os necessitados. Um dia, talvez, eles também estiveram na situação do cego, mas agora isso é passado. Fixaram-se na pessoa de Jesus e esqueceram a causa dele, da qual um dia também podem ter se servido. Por isso, em vez de ajudar o que necessita, mandam calar. Será que querem preservar Jesus de trabalho ou querem garantir Jesus para si? Quanto mais discípulos Jesus tiver, mais terão de reparti-lo com outros. É um comportamento estranho, contrário ao desejo e ao ensino de Jesus, porém muito comum ainda hoje. Pessoas que se consideram muito próximas e íntimas de Jesus atrapalham a aproximação de outras, quando não excluem ou determinam quem pode e quem não pode fazer parte do círculo de seus discípulos e discípulas. Parecem se apropriar dele invertendo a ordem do Evangelho. Por isso é bom ter presente que o fato de estar com Jesus não nos dá direitos sobre ele.

Rompendo a barreira (Mc 10,48-49)

O filho de Timeu não se curva aos que mandam calar. Ele grita ainda mais alto. Já que os que deviam ajudar o atrapalham, precisa dar tudo de si, gritar para não perder a chance. A hora é agora e não há tempo a perder. O grito é tão forte que supera a barreira da multidão e chega até Jesus. Só ele sabe o incômodo que é estar cego, esmolar, vivendo fora da cidade, à margem do caminho. A sorte é que Jesus ouve, para e o chama para junto de si, para o meio do povo que o forçava ficar à margem. Os mesmos que mandavam Bartimeu calar a boca agora o encorajam, parece que querem ficar sempre de bem com o mestre. Enquanto Jesus não o vê, atrapalham; mas, quando Jesus o chama, encorajam-no. É o cordão dos “puxa-sacos” fazendo de Jesus um objeto

10. Em Lc 19,9, Jesus diz que Zaquê também é filho de Abraão, isso pode significar que tem direito à salvação. Aqui, Bartimeu implora piedade ao Filho de Davi (ver Mt 1,20, Lc 2,11).

de consumo em lugar de força de solidariedade. Eles, com certeza, não são maus, são egoístas, não são contra os outros, pensam só em si. Não são desumanos, são mundanos. Não há mal nisso, mas falta bem, são rasteiros, incapazes de decolar. Convém perguntar quantos de nós fazemos parte da multidão que manda calar o necessitado.

Saltando para um novo ver (Mc 10,50-51)

Ao ser chamado, joga o manto-capa, dá um salto, vai a Jesus e pede para ver novamente. A veste que antes o acompanhava e protegia é abandonada. Fica lá, na beira da estrada, marcando o lugar da mudança. A imagem que ele apresentava é coisa do passado. A veste continua lá no mesmo lugar, mas Bartimeu, agora tomado pelo ver de Jesus, é homem do caminho, discípulo, seguidor de Jesus. Agora ele vê. As vendas lhe foram removidas. Não se contenta em louvar a Deus porque vê, não fica satisfeito em ser servido por Jesus. Ele cresce. Com o ver dado por Jesus, Bartimeu se faz caminheiro. Engaja-se no dinamismo da vida que enfrenta o sofrimento, as adversidades e a morte. Toma, com Jesus, o rumo de Jerusalém. Que vestes nos vendam e paralisam, nos impedem de caminhar? O que a VRC do Brasil precisa jogar, abandonar, para abrir os olhos e seguir decididamente Jesus rumo à Jerusalém de hoje?

Ao chamado de Jesus, reage dando um salto. Salta para um novo ver, salta ainda mais, para um novo ser. Salta da vida sem graça, limitada a pedinte da margem do caminho, para a graça da vida de caminheiro solidário rumo à transformação. Que significa o salto do cego, o que ele pode nos ensinar? Como reagimos nós, saltamos para a vida ou renunciamos ao futuro por medo de nos machucar? Será o salto de uma pessoa livre do manto-capa ou de uma pessoa contemplada pela busca?

Caminhando e convivendo com Jesus (Mc 10,52)

O cego de Jericó segue Jesus no caminho (Mc 10,52). Quanta mudança! O que estava cego, sentado à margem

do caminho, pedindo esmolas, está agora caminhando com Jesus em direção a Jerusalém. Jesus já avisou os que vinham com ele sobre o que iria acontecer em Jerusalém: “Estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos. Vão zombar dele, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo, mas três dias depois, ele ressuscitará” (Mc 10,33-34). Que visão! O que faz com que o cego da beira do caminho caminhe para Jerusalém é a visão que Jesus lhe oferece. O que espera Jesus, segundo um ver superficial, é tragédia, mas, no ver de Jesus, é a salvação da humanidade.

Onde está a VRC: com o cego Bartimeu à margem do caminho? Com Jesus à margem do cego? Com Bartimeu jogando o manto-capa e saltando ao encontro de Jesus? Com Jesus, fazendo-o reconhecer a salvação já dentro de si?

Ver Jesus é ser solidário com os necessitados (Mt 25,31-46)

Segundo os estudiosos,¹¹ o capítulo 25 de Mateus constitui o chamado discurso escatológico. É o último ensino de Jesus a respeito do *Reinado* de Deus. Faz isso para que ninguém se surpreenda com a condição de vida pós-terrena. A alegoria é iluminadora. A felicidade está intimamente conexa ao ver e servir o necessitado. A infelicidade, por sua vez, é fruto da ignorância, onde ignorar é não ver.

A era da imagem prima pela estética, pela beleza e pela novidade. Os peregrinos, os famintos e os sedentos, os nus, os doentes e os prisioneiros são a negação da beleza e da estética. São a não imagem, a desfiguração, olhar para eles custa, dói, nos deixa mal. Talvez seja por isso que nos distanciamos das causas dos pobres, dos carentes em geral. Não é raro encontrar pessoas na VRC dizendo que já foram pobres antes de ingressar na Congregação. Agora querem é distância da pobreza e dos pobres e necessitados. De fato, o ver que não estiver embebido da compaixão de Deus só

11. BONNARD, P. *Evangelio segun San Mateo*. Madrid: Cristiandad, 1983. p. 536. Tb. CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 601.

estraga prazer. Por isso há quem escolha continuar na cegueira para não pagar o preço de ver (Mt 25,44).

Segundo a narrativa, seremos julgados pela nossa capacidade de ver as pessoas necessitadas e solidarizar-nos com o que vimos. Nelas o Jesus que buscamos ver quer ser visto por nós. Nelas o encantamento é nutrido e contemplado. Quem vê Jesus e não se compromete com sua causa ainda continua cego. A nossa vida não se define pelo que vemos, dizemos ou sabemos, mas o que fazemos com aquilo que vemos, dizemos e sabemos.

O texto deixa claro: o necessitado não é um qualquer, na pessoa dele está Jesus. O necessitado é irmão dele e meu também. Quem vê alguém com fome, com sede, peregrino, nu, doente ou preso, vê o próprio Jesus (Mt 25,37-40). O mesmo que foi buscado por Zaqueu (Lc 19,3) e clamado por Bartimeu (Mc 10,47). Ver Jesus significa se importar, atender, servir. É claro que esse olhar faz a diferença. Mas há um olhar de indiferença, de ignorância de quem não se importa, não se ocupa, passa batido.

A realidade existe, mas é ignorada. É ignorada não por maldade, mas por excesso de ocupação consigo mesmo. Os olhos são janelas, janelas que precisam estar abertas e focadas com intenção e atenção à realidade circunstante. Conforme o nosso texto, ver é um modo de ser. Vemos o que somos ou escolhemos ser.¹²

Retomamos o convite da XXII AGE: *Olhos fixos em Jesus!* Assim como nos ensinam Zaqueu e Bartimeu, como nos adverte Mateus sobre o julgamento final. Que nosso ver leve a conviver com Jesus e a testemunhá-lo tantos dias quantos Deus nos conceder.

12. Vários níveis do ver: o ver curioso, o ver admirado, o ver interesseiro, o ver de contemplativo, o ver com atitude, o ver relacionado, o ver que se deixa possuir, o ver que se constitui em nascer de novo.

Paixão pelo Reino e opção pelos pobres

ÉLIO ESTANISLAU GASDA, SJ*

(REPRESENTANDO A EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA)

Encarnação e seguimento

A expressão “de olhos fixos em Jesus” no relato da apresentação de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30), mais do que uma constatação, é uma provocação. Os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele (cf. v. 20) quando, “então, começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir’ (v. 21). E o que ouviram? “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação dos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (v. 18-19).

Olhar para Jesus provoca, convoca, exige descer do muro e tomar posição. A reação daqueles primeiros ouvintes foi surpreendente: “Ao ouvirem estas palavras, na sinagoga, todos ficaram furiosos. Levantaram-se e o expulsaram da cidade [...]” (v. 28-29). Mas esse movimento livre e firme de Jesus torna-se um paradigma da Vida Consagrada chamada a ir atrás *deste* Jesus que teve sua mensagem rejeitada, foi expulso da sinagoga com violência, mas “continuou o seu caminho” (v. 30).

Tomar o episódio da sinagoga de Nazaré como referencial implica assumir verdadeiramente o escândalo da encarnação, significa olhar para o Jesus encarnado, da família de Nazaré, do peregrino que volta para a Galileia, movido pelo Espírito, e proclama o núcleo de sua missão. Na atual

* **Padre Élio Estanislau Gasda** é jesuíta, mestre e doutor em Teologia pela Universidade Pontificia Comillas (Madrid), professor da Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte e membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB Nacional. **Endereço do autor:** R. Roberto Aroeira, 318, Itapoã, CEP 31710-570, Belo Horizonte-MG. Tel.: (31) 3427-4963. E-mail: gasdasj@hotmail.com.

conjuntura social e eclesial, é preciso chamar a atenção para alguns aspectos fundamentais do seguimento para a VC.

Com Jesus, o Reino de Deus entrou em ação (Mt 4,17)

Este relato é um cartão de apresentação de Jesus, pois contém, de certa forma, todo o Evangelho: Jesus é o ungido pelo Espírito para anunciar a Boa-Nova aos pobres e é rejeitado. Seu olhar tem um foco, um centro do qual nada desviava sua atenção: o Reino, objeto primordial de seu anúncio e meta essencial de sua missão (Mc 1,15). Jesus dedicou sua vida em função do Reino consagrado pelo Pai no Espírito. Não existe Jesus sem Reino. Evangelho e Reino de Deus coincidem (Mt 4,23; 9,35; Lc 8,1). A pessoa de Jesus, as obras, as palavras, o estilo de vida traduzem o Evangelho do Reino. Ele não fala de Deus em si, mas da sua relação com a humanidade. Essa relação é a transformação radical das relações humanas.

O Reino que Jesus proclama é dinâmico, ou seja, não está determinado por nenhuma estrutura ou instituição, não se deixa prender por normas, decretos ou costumes circunstanciais. O Reino não é domesticável, não designa um estado de coisas estáticas, acabadas, prontas. O Reino é uma realidade dinâmica, relacional, uma ação.

Existe uma relação fundamental entre o Reino e a vida humana (Jo 14,8). Ao proclamar o Reino, Jesus defende a vida, combate o sofrimento, resgata a dignidade, acolhe e reintegra. Reino e vida estão vinculados por uma mesma paixão. Jesus, um apaixonado pelo Reino e pela vida.

O Reino de Deus tem um significado profundamente público, social, político. Não se trata de uma abstração ou fruto da imaginação humana. A lógica do Reino de Deus não coincide com outros reinos e poderes humanos, ao contrário, ao buscar uma sociedade distinta, em que as relações sejam pautadas pela igualdade e pelo amor, ela é radicalmente oposta à lógica do poder. O Reino faz reler a realidade desvelando as contradições sociais provocadas

por uma situação onde o pecado foi institucionalizado pelo poder. Com a proclamação do Reino ocorre um processo de desmascaramento do poder e das ideologias agindo nas estruturas nas quais a sociedade está alicerçada e que impedem que a vontade de Deus se realize na história. O final do relato de Lucas é ilustrativo: a realidade do Reino provoca entusiasmo em alguns e rejeição total em outros (cf. v. 28-30). É Boa-Notícia para uns e uma ameaça para outros.

“[...] ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres [...]” (Lc 4,18)

No anúncio do programa de Jesus na sinagoga, o Reino de Deus e os pobres aparecem como duas realidades vinculantes, pois deles é o Reino (Mt 5,1-12; Mc 10,21-25; Lc 6,20). Deus é o Deus do Reino e é o Deus que, ao estabelecer o Reino, porá fim aos sofrimentos dos pobres e à falsa satisfação dos ricos. A dura realidade dos pobres denuncia o fracasso da lógica dominante que impede o dinamismo do Reino.

Ao vincular sua missão à tradição profética, o relato de Is 61,1-3 ganha atualidade e confere conteúdo à proclamação de Jesus de que naquele momento a Escritura se cumpria: A profecia dirigida a um povo desamparado, vivendo em tempo de miséria, está voltada aos que são realmente pobres, sem idealizações da pobreza ou matizações espiritualistas. A irrupção de uma nova sociedade fundada na igualdade começa a concretizar-se quando aos pobres é feita justiça e seus direitos são devolvidos.

Jesus ensina que para isso é necessário assumir a realidade a partir da verdade dos últimos na escala social. Ensina fazendo: encarna-se na vida dos pobres, dos famintos, dos aflitos, assumindo sua causa e identificando-se com seu destino. O problema dos problemas é seu problema, o clamor dos pobres é seu clamor (cf. Mc 15,34). Ele nunca relativizou a aflição humana até converter o rosto do pobre em seu rosto (Mt 25,31-46). O encontro com Jesus significa muito mais que uma tomada de consciência da situação de injustiça. É

um encontro que não só desmascara a raiz da injustiça, mas desconstrói todos os discursos de resignação e fatalismo e converte os pobres em sujeitos de sua própria história.

Se por um lado o Reino é uma Boa-Notícia para os pobres, por outro, representa uma séria ameaça para outros. A proclamação do Reino é um rotundo não da parte de Deus sobre toda situação geradora de exclusão e violência. Ao desmascarar as justificações ideológicas, o Reino assinala toda a negatividade, desumanidade, irracionalidade e violência da ordem vigente.

Jesus, ao proclamar o Reino, introduz um ponto de ruptura na história. Ao atingir em profundidade os mecanismos do antirreino, surge o imperativo ético de edificar o novo, o diferente. O Reino inspira uma nova orientação para os rumos da história. Ao instituir os últimos como critério de juízo da realidade e de discernimento para a ação, Jesus rompe a lógica vigente, a ordem de prioridades e a escala de valores. A partir dos últimos, dos pequeninos, dos descartados, todos recebem a Boa-Notícia da atuação de Deus. A ruptura leva a outra forma de fundamentar a existência humana.

É um ponto de ruptura radical, não é remendo novo em roupa velha, nem vinho novo em odres velhos (Mc 2,21). Porque o novo implode a velha ordem. O Reino é uma realidade paradoxal e desconcertante, pois é totalmente outro em relação às expectativas comuns, à ordem religiosa estabelecida, aos valores sociais e à moralidade tradicional. Tudo passa a ser reinterpretado e vivido à luz do Reino, em que a práxis se rege pelo que o pobre reclama, pelo clamor dos aflitos.

“Se me perseguiram, perseguirão a vós também” (Jo 15,20)

Quando Jesus apresenta seu programa na sinagoga de Nazaré, imediatamente se sucedem uma série de fatos vinculados por um denominador comum: a proclamação do Reino aos pobres está acompanhada de conflito e rejeição

(Lc 4,16-30). Sua parcialidade o leva a enfrentar os poderes deste mundo, os mantenedores do antirreino. Colocar-se ao lado dos derrotados e humilhados sempre conduz à perseguição (Mt 5,10-11). Se é certo que a mensagem do Reino é central no Evangelho, também é certa a centralidade do confronto: Reino, opção pelos pobres e conflito estão inter-relacionados.

A paixão pelo Reino nos remete ao Mistério Pascal de Jesus. A compaixão pelo pobre o condena a padecer a paixão sob os poderes deste mundo. A paixão de Jesus é fruto da sua *com*-paixão pelos humilhados e aflitos. É uma paixão com lucidez. Jesus vai até o fim e não deixa dúvidas em mostrar de que lado Deus está.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu” (Lc 4,18)

A proclamação do Reino acontece sob o impulso do Espírito. Ao entregar sua vida em função do Reino consagrado pelo Pai no Espírito, Jesus interpreta suas ações a favor dos pobres como atuações do Espírito de Deus que mostra a irrupção do Reino na história. Jesus deixará seu Espírito para que seus seguidores façam o mesmo e deem prosseguimento à proclamação do Reino. O Espírito é fonte e origem de toda nova criatura em Cristo (2Cor 5,17).

A paixão pelo Reino é caminhada e é graça. Compromisso e Espírito confluem na práxis do Reino. Uma caminhada inspirada, dinamizada e sustentada pelo Dom do Espírito. O discípulo de Jesus é empurrado pelo Espírito. Sem este Espírito que vem do Pai e do Filho não há como manter a paixão pelo Reino e a fidelidade à convocação de Jesus.

Toda a vida cristã deve ser uma concretização do programa de Jesus ungido pelo Espírito do Senhor. Porque práxis sem Espírito e Espírito sem práxis representam o que há de mais perigoso no Cristianismo. Práxis sem espírito nos acozarda, faz recuar, confunde as decisões, obscurece os objetivos. Espírito sem práxis do Reino gera uma VC sem paixão, sem compromisso, e distante do ideal evangélico.

É o Espírito que dinamiza a vida cristã: “Se vivemos pelo Espírito, procedamos também de acordo com o Espírito” (Gl 5,25). O Espírito é a força do alto que sustenta os discípulos de Jesus na proclamação do Evangelho do Reino. O Espírito não teria função na Igreja se não existisse uma unidade de missão entre ele e o Filho. A missão de Cristo e do Espírito se converte na missão da Igreja. O Espírito de Deus é Deus mesmo agindo no coração da práxis humana, libertando-o do fechamento ao outro, e faz acolher o dinamismo inaugurado pela proclamação do Reino de Deus.

É preciso manter os olhos fixos em Jesus

A VC viveu nas últimas décadas momentos de grande vitalidade e paixão missionária pelo Reino. Religiosos e religiosas se somaram à “nuvem de testemunhas” do Evangelho (Hb 12,1). Hoje, porém, salvo exceções, se percebe que o compromisso perdeu dinamismo e intensidade. A pergunta que São Paulo dirigiu aos Gálatas pode servir para nós: “Corríeis tão bem! Quem vos impediu de obedecerdes à verdade?” (Gl 5,7). A VC não deveria ter continuado “na mesma direção” (Fl 3,16)? Para onde o olhar foi-se desviando? Não faz sentido uma VC que tem medo de aproximar-se da meta e da causa de Jesus. A meta faz parte da identidade.

Será que a VC não estaria cedendo ao monopólio do pensamento conservador e se acomodando a um discurso que a incapacita para entender o Evangelho? É o realismo que circula em muitos ambientes eclesiais e em alguns bastidores da VC que expressa resignação e adaptação no estado atual das coisas. Às vezes se ouve que o aumento da faixa etária e a redução de entradas no noviciado justificam o direcionamento de forças para obras tradicionais. Outros afirmam que a pobreza é um problema que cabe ao governo resolver. Não faltam os defensores da ideia de que é hora de a VC se ocupar mais da sua vida interna, adotar uma visão mais empresarial nas instituições para que as obras não percam a competitividade no mercado etc. O fato é que sempre que

os cristãos se afastaram do Evangelho acabaram gerando crises na credibilidade da Igreja.

Mas, então, que a VC tem a oferecer à Igreja e à sociedade? Apenas escolas de qualidade? Paróquias bem organizadas? Obras a serviço da manutenção da estrutura eclesial e social? Missionários *ad gentes* bem preparados? Obras sociais que suprem a incapacidade dos poderes públicos? A VC poderá oferecer muitas coisas úteis para a sociedade. Mas que significa levar à sociedade a mensagem do Reino tal como ele é, sem justificativas, ambiguidades ou matizações contaminadas pelo realismo pragmático?

Existe, porém, outro realismo. O realismo dos profetas, dos que veem a realidade com profundidade, com as lentes do Evangelho do Reino. Este realismo ensina que é cada vez mais evidente que normas, obrigações e visões empresarias não irão mudar o mundo, que a VC somente é evangelizadora quando encarna e proclama a Boa-Notícia da irrupção do Reino na história. Diante de algo que se apresenta como vontade de Deus, importa deixar todo o resto para abraçar o que Deus quer. Que fé e credibilidade se exigem e se remetem uma à outra. Este realismo sadio apresenta alguns desafios:

1. Em meio à pluralidade intra e extraeclesial, é preciso manter a consciência do protagonismo do Espírito sem rebaixá-lo ou confundi-lo com “outras forças” estranhas ao Reino. Ter os olhos fixos em Jesus encarnado é fundamental para fazer as devidas distinções dentro da multiplicação dos novos movimentos católicos. Por um lado, não se trata de se deixar conduzir por qualquer espírito, mas pelo Espírito que nos remete a Jesus encarnado, o da sinagoga. A paixão pelo Reino nasce e se alimenta da força daquele Espírito que envolveu a pessoa de Jesus e o consagrou. Por outro lado, se a Vida Consagrada acontece sob o impulso deste Espírito (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 2), as obras, as normas, as constituições tem uma função instrumental, pois se deduzem dela: “A letra mata, o Espírito é que dá a vida” (2Cor 3,6). Sendo assim, se toda vida cristã é vida segundo o Espírito, as comunidades religiosas deveriam se parecer

como um lugar atraente da presença do Espírito e um sinal do amor de Deus para o mundo (1Cor 12,11).

2. Não perder nunca a parcialidade e a cumplicidade com os pobres: Jesus nunca deixou qualquer dúvida em mostrar de que lado Deus está. O estar social de Jesus é parcial, sem ambiguidades. Jesus não foi um expectador passivo, mas se colocou firmemente ao lado dos últimos e do mais clamoroso da realidade da miséria e abandono. A partir dessa parcialidade Jesus compreendeu a situação como a negação do Reino de Deus. Aqui a VC tem grande responsabilidade em manter a parcialidade dos pobres na Igreja, como afirmou Bento XVI na abertura da Conferência de Aparecida: a opção pelos pobres é inerente à fé cristã. Na verdade, não existe autêntica VC deixando os pobres em segundo plano. A amizade com Cristo é inseparável da amizade verdadeira com os pobres: “Senhor, quando foi que te vimos [...]?” (Mt 25,31-46). O fato escandaloso deste século é que nunca houve tantos pobres, famintos, aflitos, humilhados em sua dignidade na história da humanidade. Se os clamores dos pobres são os clamores de Cristo, podemos nos contentar apenas em exigir justiça? Mas se a causa de Jesus é a causa dos pobres, não se trataria de assumir a sua causa? A VC entende o conceito de pobre contaminado de matizações que mais atrapalham do que ajudam na opção? Afinal, quem são os pobres para a VC?

Deixar os pobres em segundo plano empobrece profundamente a identidade da VRC. O problema dos pobres é problema da VC porque é um problema de Deus. Deus os toma em sua defesa e os ama. A opção de amar o indefeso e humilhado significa defendê-lo. Como a VC participa da vida e das lutas dos pobres? Até que ponto as preocupações dos pobres são as preocupações da VC? Os pobres veem na VC um aliado fiel de suas lutas? A VC permite que a realidade do pobre rompa seus esquemas rígidos e questione hábitos e comportamentos? Quais seriam as consequências de um assumir a proclamação de Jesus na sinagoga de Nazaré como paradigma para os carismas das Congregações?

3. Unir-se à esperança dos famintos e humilhados, pois só a partir deles pode surgir uma nova forma de civilização e de uma sociedade que melhor corresponda ao ideal do Reino, pois eles encarnam a denúncia do fracasso de uma civilização orientada pelo poder econômico. Faz pouco tempo, era comum falar de esperança e de utopia. Atualmente, existe uma ideologia da resignação: aceitar, adaptar-se e acomodar-se à situação atual. Há um claro incentivo nesse sentido. Em toda autêntica fé em Jesus está implícita a fé de Jesus. Ungido pelo Espírito de Deus, Jesus apostou nos fracassados, nos humilhados e desprezados da história para concretizar o Reino. Jesus apostou errado?

Para apostar com Jesus, no contexto atual, é importante recuperar a dimensão do confronto com os poderes hegemônicos que são inimigos dos pobres: a perseguição por causa da justiça e pela causa de Jesus (Mt 5,10-11) é uma característica inerente da VC. A ausência dessa característica pode representar resignação e acomodamento às estruturas e mecanismos da sociedade. A VC representa um risco ao funcionamento das estruturas e mecanismos dos poderes deste mundo? A que tipo de coisas a VC está resignada e o que a torna inofensiva aos poderes vigentes? Para onde estão direcionadas suas principais forças intelectuais, sociais, econômicas? Diante desta civilização da riqueza e do individualismo, a VC aposta numa civilização da austeridade, da simplicidade?

3. Recuperar o caráter profético: o realismo dos profetas é de grande ajuda para entender e viver o Evangelho integral do Cristo sem mutilações. Sem dúvida, o dinamismo do caráter profético e radical de viver a fé é o melhor que a VC pode oferecer à Igreja e à sociedade. Profetas geram vida em meio à morte, compaixão em meio à indiferença, indignação em meio à resignação. É fundamental que a VC mantenha o foco naquilo que realmente importa, para que as energias não sejam desperdiçadas em investimentos estranhos ao Evangelho, em práticas opostas à sua natureza profética, e que, portanto, não são Evangelho, Boa-Notícia para os pobres.

Todo profeta sabe aliar prudência à coragem. O argumento de que o contexto atual é complexo e exige serenidade para evitar decisões precipitadas tornou-se lugar comum. Diante de uma situação de desigualdade cada vez mais escandalosa (cf. *Caritas in Veritate*, n. 22), a VC se perde em discernimentos e capítulos pródigos em multiplicar documentos e declarações, num processo de acumulação *ad aeternum*. Que não responde às expectativas das novas gerações. Num mundo de opulência *high-tech*, onde o número de famintos ultrapassa a cifra do bilhão, em que é cada vez maior a resignação diante das formas de crueldade e de humilhação imposta aos pobres, as novas gerações esperam muito mais. A VC, quando inspirada pelo Espírito de Jesus (e não por outros espíritos), tem o dever de ser sinal da Boa-Notícia do Reino para esta imensa maioria da humanidade indefesa e à mercê das forças do capitalismo.

O capitalismo representa nos dias atuais o que há de mais hostil à vida humana. Se a VC quiser ser realmente aquilo que tendencialmente é – profeta –, deve se levantar contra toda ideologia, prática e comportamento que alimenta e justifica a injustiça e mantém o escândalo da desigualdade. A concreção do Reino começa justamente pela denúncia corajosa e direta: infelizes vós, os ricos, os saciados, os que rides, os primeiros (cf. Lc 6,24-26). Na medida em que isso acontecer, a VC será profética e Boa-Notícia. Sua credibilidade e visibilidade, enquanto presença profética, passam pela sua proximidade com o mundo dos pobres e com práticas opostas à lógica do capitalismo. A VC não pode dar-se por satisfeita porque alguns religiosos são profetas realmente. É o corpo da VC que deve ser profético. Evidentemente, o exercício do múnus profético depende da autonomia da VC – enquanto instituição – diante dos poderes deste mundo unificados pelo capitalismo.

Notas para continuar

O lema da AGE interpretado a partir do relato de Lc 4,16-30 se revela uma grande provocação.

No seguimento está implícita uma eleição radical: ou a lógica do Reino e sua práxis, ou a lógica do mundo e sua práxis. São duas alternativas que se excluem, são incompatíveis, não se complementam, são inconciliáveis (cf. Lc 16,13; Mt 6,24; 1Tm 6,10). Tal radicalidade se manifesta na exigência de *não olhar para trás* (cf. Lc 9,62), rompendo com a lógica caduca e irracional que orienta os poderes deste mundo. Para isso é preciso ter convicção firme e fé inabalável no Reino. Caso contrário, a VC continuará patinando em declarações de intenções que não representam avanços no compromisso com os pobres, e o “De olhos fixos em Jesus” será um lema a mais para os arquivos. O amor de Deus é muito mais sério e real do que solenes declarações poderiam dar a entender.

O encontro com Jesus não admite neutralidade. Desviar o olhar do Reino tal como proclamado por Jesus teria como consequência não só a instalação definitiva do estilo *light* (mediocre?) no seio da VC, como também a perda de sua identidade originária, dado que a mesma tem por regra suprema o seguimento de Jesus Cristo proposto no Evangelho (cf. *Perfectae Caritatis*, n. 2). A VC se caracteriza como uma forma de afinidade com Jesus e de responsabilidade pelo Evangelho, de caminhar com ele na história seguindo seus passos, sem permitir que causas alheias desviem o olhar. Ora, se a VC só se entende a partir do seguimento de Jesus focado no Evangelho do Reino, aquilo que prejudica, desvia ou perturba a fidelidade ao Reino e o amor aos pobres não deveria ser relativizado ou mesmo descartado?

Jesus pôs em movimento uma prática diferente porque era diferente. A prática de Jesus deveria impactar diretamente na prática da VC: as relações, a organização comunitária, as opções apostólicas etc. Ser fiel é ser diferente e fazer diferente hoje como Jesus fez no seu tempo. Assim, o cartão de apresentação da VC poderá se assemelhar um pouquinho mais ao de Jesus.

Religiosos: os mais humanos dos humanos

PAULO DULLIUS, FSC*

(REPRESENTANDO A EQUIPE DE REFLEXÃO PSICOLÓGICA)

Contextualizando

Todo ser humano tem sua constituição humana, na qual entram vários aspectos. Um deles é sua abertura ao Transcendente, a Deus. Ele procura realizar tal processo incluindo a variável da limitação, da finitude. Tal finitude se percebe mais em aspectos humanos que não estão diretamente ligados à transcendência, tais como sua corporeidade e sua dimensão psíquica.

A Vida Religiosa zela preferentemente pela dimensão espiritual e transcendente. Este ideal tem mobilizado a Igreja e gerações e gerações de religiosos. Muitos tiveram sucesso neste empreendimento, ou seja, encontraram-se como pessoas e também realizaram a missão de Reino com eficácia. Outros tantos sentiram dificuldades e entraves a partir da dimensão de amor e desamor explicitados na dimensão física, psíquica e também espiritual. Assim, a opção livre pelo transcendente requer um mínimo de liberdade e de maturidade na dimensão física e psíquica. Um grande empreendimento da Vida Religiosa hoje está voltado à visão integral de pessoa, na compreensão e aceitação da interdependência dos diferentes aspectos humanos.

Hoje, além da grande preocupação pelo Reino de Deus, precisamos assumir mais e mais que o Reino está dentro de nós e em cada dimensão nossa. Uma das maiores tarefas, atualmente, é tornarmo-nos – nós, os religiosos – os mais humanos dos humanos.

*** Irmão Paulo Dullius** é lassalista, membro do Grupo de Reflexão de Psicólogos da CRB do Rio Grande do Sul e integrante da Equipe de Reflexão Psicológica da CRB Nacional. Formado em Filosofia e Teologia, tem licenciatura e mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e doutorado em Antropologia Filosófica pela Universidade Pontifícia Salesiana, de Roma.

Endereço do autor: R. Honório Silveira Dias, 636, São José, CEP 90550-150, Porto Alegre-RS. Tel.: (51) 3219-3707/3358-3600. **E-mail:** pdullius@delasalle.com.br.

A pessoa do religioso e algumas características na história

O acesso à história da Vida Religiosa nos coloca em contato com muitos êxitos de valores espirituais e de heroicidades em relação à caridade e à piedade. Experiências de libertação interior também se expressaram numa caridade fraterna significativa e numa vivência desprendida de bens materiais e do investimento da afetividade a serviço do amor. Podemos também citar a presença de dominância da opção espiritual – e de tal modo supervalorizada – que colocou entraves em outros aspectos. Olhando a partir de uma visão integral de pessoa, constatamos como algumas áreas foram reprimidas, diminuídas e consideradas contrárias à opção religiosa. Aspectos da teologia e da espiritualidade apoiaram tais opções. Todos nós temos consciência do grande acento na ascese e na renúncia sem saber claramente o porquê, nem como evitar as consequências funestas na própria opção espiritual. Tivemos uma visão negativa do corpo, desconfiamos da sexualidade e dos relacionamentos entre religiosos da mesma Congregação com religiosos de outras Congregações – mormente de outro gênero – com aqueles que não fizeram essa opção de vida. Tal atrofiamento antropológico tem mantido imaturidades, infantilizações e outras formas de ser não coadunadas nem com a liberdade, nem com a salvação cristãs.

A repercussão desta visão contribui para que na Vida Religiosa não se tenha – até hoje – tomado todas as providências para sanar o desamor que está presente, de alguma forma, em todos os seres humanos. Sempre fomos muito zelosos na missão apostólica, sempre defendemos a vida comunitária e a consagração. Empregamos muita energia para evitar a dissonância entre a opção existencial e a capacidade de liberdade em assumi-la. O desamor presente nos seres humanos de forma mais intensa ou menos intensa também se revela nos religiosos. Mesmo que os sistemas defensivos sejam muito fortes, o tempo se encarrega de desvendar a unidade e a autenticidade, ou a inautenticidade, das opções.

Por bom tempo pensamos que o amor em nós que faz a opção espiritual supriria a incapacidade de amar refletida na forma de considerarmos nossa dimensão material e, também, nossos relacionamentos psíquicos.

O amor presente em nós desde a concepção influi em nosso benquerer, em nossa gratuidade, em nossa disponibilidade e sensibilidade em relação aos demais; influi também em nossas estruturas a serviço da vida, em nossas organizações comunitárias como expressão de Reino. Nosso desamor, também ele, percebido como rejeição, isolamento, agressividade, privação desde a interação com as pessoas significativas a partir da concepção, faz-se presente na agressividade passiva e aberta, na estrutura desumanizante, nas diversas formas de projeção, racionalização, transferência, rigidez, moralismo, amargura, crítica, perfeccionismo. Este desamor está no interior das pessoas, mesmo dos religiosos. Somos testemunhas de como ele provoca doenças, ideologias, parcialidades, dificuldades de relacionamento e de objetividade de percepção e de decisão. Essas verificações decorrentes do amor e do desamor – sobretudo nos níveis físico e psíquico – foram muito descuradas na Vida Religiosa. A dificuldade na vivência livre da consagração e dos votos tem sua compreensão na dificuldade de amar. Vale convir que o pensamento de “excelência” deste estado de vida religioso incentivou certa onipotência em relação à interpretação e à solução do mal social por parte dos religiosos. Outras vezes, a força do amor fez muito bem à humanidade e testemunhou heroicamente a defesa da vida em tantas e diferentes manifestações.

O que vemos hoje

O empenho apostólico para aliviar as dores e o pecado do mundo continua a ter, nos religiosos, sinais de vanguarda. Não se pode abdicar deste grande sinal de Reino de Deus. Aumentou nossa sensibilidade social e a solidariedade, sobretudo com os mais frágeis. Mas vemos também alguns fenômenos que repercutem na qualidade dos próprios religiosos.

Grandes estruturas requerem religiosos de grande qualidade moral e existencial. Formas humanas comunitárias refletem aspectos de imaturidade humana, bem como diminuição do estímulo de outros jovens em se associarem a nós. A questão da afetividade reprimida ou vivida imatura ou compensatoriamente está colocando em suspeita a obra apostólica em alguns religiosos e instituições. Já não estamos mais livres das expressões inadequadas da sexualidade. Na sexualidade desintegrada se ocultam questões de identidade, de agressividade, de solidão, de dominação, de relacionamentos comunitários conflitivos, de perda de sentido. A dificuldade de viver uma espiritualidade verdadeiramente madura pede uma revisão da capacidade humana livre como pressuposto e como apoio à maturidade espiritual. Vemos ainda hoje que o apelo da missão obnubilou várias vezes a missão, que engloba o processo de crescimento humano dos próprios religiosos. As insatisfações de muitos religiosos, o aumento da enfermidade física, psíquica e espiritual, a diminuição das vocações, as desistências etc., são tantos os clamores para recuperar a integralidade da pessoa do religioso que vive em comunidade para uma missão específica. Muitas vezes ainda supomos que, por causa da opção religiosa, não estamos sujeitos às leis e às especificações de nossa corporeidade, nem aos dinamismos que definem nossos relacionamentos.

Os grandes projetos intercomunitários, interprovinciais e intercongregacionais reafirmam a validade da causa pelo Reino de Deus. Esta causa, hoje, requer um alicerce sempre mais profundo e sólido no processo humanizante de todos os envolvidos.

Desafios para o futuro

Dentro deste nosso mundo complexo, os religiosos precisam sustentar a validade de sua opção deste estado de vida. Precisam reforçá-lo com um profundo conhecimento bíblico, teológico, psicológico e antropológico.

Os acertos existenciais, institucionais e de missão pelo Reino precisam ser completados por uma atenção especial

às pessoas dos religiosos. Elas têm seus ferimentos afetivos que repercutem na compreensão, interpretação de si, dos outros e da missão. Esses ferimentos podem ser mais centrais ou menos centrais. Convém dar atenção especial ao processo de crescimento para a maturidade, superando preconceitos contra a contribuição das ciências sociais, bem como tomar os melhores meios à disposição para ajudar os religiosos a amar com liberdade e responsabilidade. É o que poderíamos chamar de processo de acompanhamento, de cuidado, no pleno sentido da palavra.

Os passos desse processo de amadurecimento precisam incluir um amplo conhecimento da história pessoal, institucional, cultural e social. Precisam também de uma compreensão das variáveis envolvidas nos comportamentos, intenções, valores e expectativas de todos os envolvidos. Requerem grandes processos reconciliatórios envolvendo a história pessoal passada e atual, a história das Instituições religiosas, eclesiais e sociais. Requerem, ainda, buscar formas de pacificação capazes de dispor das energias – não para reprimir, nem compensar – para o crescimento amplo dos religiosos e do Reino de Deus.

Numa palavra, creio que todos – pessoal, comunitária, institucionalmente falando – precisamos acrescentar aos empenhos atuais o grande empenho humanístico de cada religioso. Precisamos ser os mais humanos dos humanos em nosso modo de ser, conviver, agir e celebrar.

Mensagem final

A cidade de Brasília, nos espaços da “Escola Paroquial Santo Antônio”, acolheu pela primeira vez a Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional, nos dias 19 a 22 de julho de 2010. O pulsar de toda a Vida Religiosa se fez sentir através de 512 representantes de todas as suas realidades. Ficou evidenciada nossa comunhão eclesial, pela presença de representantes da CNBB e de vários Organismos, bem como pelas comunicações recebidas com expressões de estima e reconhecimento do significado de nossa presença e missão nos vários rincões do país e fora dele.

A divina *Ruah* manteve viva a memória do imperativo da Assembleia anterior: *Avancem!* Hoje somos convocadas e convocados a continuar o caminho na mesma direção, “com os olhos fixos em Jesus” (Hb 12,2), considerando que primeiro fomos olhadas e olhados por ele.

Deste olhar amoroso nasce a definição de nossa identidade e de nossas relações. Queremos comunicar a alegria de nos termos sentido discípulas e discípulos missionários de Jesus, fazendo dele o centro de nossa vida.

É a paixão de Jesus pelo Reino que nos leva à paixão pela humanidade. Manter os “olhos fixos” nele é percorrer o mesmo caminho no compromisso e na solidariedade para com as pessoas mais sofridas e necessitadas, em suas lutas pela vida, numa entrega amorosa até poder dizer: “Ninguém me tira a vida, mas eu a dou por própria vontade” (Jo 10,18). Muitos(as) coirmãos e coirmãs deram este testemunho, como nos lembra a celebração dos 25 anos do martírio

da Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, mar, da Irmã Adelaide Molinari, fad, e de Padre Ezequiel Ramin, mcccj.

O compromisso com a pessoa e o projeto de Jesus se expressam numa realidade concreta. A CRB, na conjuntura atual, se faz sensível aos grandes gritos: promoção e defesa da vida, busca da justiça, solidariedade, responsabilidade ecológica e presença nas fronteiras e novas periferias.

Nossa Assembleia transcorreu num clima de escuta, receptividade, acolhida, irmandade, alegria e discernimento. Um elemento significativo foi a presença da juventude da Vida Religiosa, que trouxe consigo lutas e sonhos de todos os jovens.

Destacamos a participação corresponsável no processo de preparação desta Assembleia, a colaboração de tantas Congregações e o envolvimento de pessoas voluntárias. A apresentação dos Relatórios do triênio 2007-2010 fez-nos vivenciar a fecundidade da Vida Religiosa e lembrou-nos do compromisso que temos de contribuir para a manutenção da CRB.

A busca comum nos faz unir forças e estreitar laços inter-congregacionais que possibilitam novo vigor missionário, consolidando, na diversidade dos Carismas, a riqueza do pluralismo.

A XXII Assembleia confirmou iniciativas anteriores, acrescentando neste momento, de maneira especial, o povo haitiano e as realidades do povo e da terra atingidos pelas últimas enchentes.

O empenho de muitas Entidades e Instituições na defesa da vida nos impulsiona ao aprendizado do diálogo e do trabalho em redes.

O seguimento de Jesus exige de nós o dinamismo da itinerância, que nos possibilita descobrir e assumir outras formas de presença nas várias realidades.

O nosso coração é agradecido pela dedicação da Diretoria Nacional, dos Conselhos Superior e Fiscal e pelo serviço das Equipes de Assessoria e Reflexão durante o triênio.

Agradecemos igualmente a disponibilidade das pessoas eleitas para os diversos serviços durante a gestão que ora inicia.

Queridas irmãs e queridos irmãos, diante dos desafios atuais, esta Assembleia nos renova a esperança e a certeza de que o caminho a trilhar é o discipulado missionário, vivido na paixão pelo Reino, com “os olhos fixos em Jesus”.

Que a celebração do “dia da Vida Consagrada” renove em nós a resposta vocacional ao seguimento de Jesus, que primeiro “fixou seu olhar sobre nós”.

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP
Presidente Nacional da CRB